



*Fundado no Sesquicentenário  
da Batalha do Seival*

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO  
GRANDE DO SUL

## 23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 83

### **A FEB pelo seu Comandante – Realização do ataque ao Monte Castello**

Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes

Aviões da FAB haviam arrasado a resistência germânica de Mazzancana, numa arrojada participação no combate terrestre e num exemplo inesquecível de união dos expedicionários do ar e da terra.

Às vinte horas do dia 20 de fevereiro, o Batalhão do major Uzeda (I/1º RI) procedeu à substituição de elementos americanos em Mazzancana, passando a noite de 20/21 em verificação agressiva do contato. Imperava na tropa brasileira a certeza da vitória.

A jornada de 21 de fevereiro assinalaria, de qualquer modo, a captura de Monte Castello. Mostraria à tropa brasileira que a sua técnica e a sua agressividade cooperariam decisivamente para o bom êxito do Plano Encore.

Desembocou o nosso ataque à hora prefixada, isto é, às cinco e meia da manhã. As reações inimigas fizeram-se sentir enérgicas e crescentes, dando margem a lances imprevistos e flutuações inevitáveis. O Batalhão do major Uzeda progrediu com certa ousadia sobre a crista, enquanto o III/1º RI mantinha a frente atingida, defrontando alguns pontos fortes alemães.

Às nove horas, a 5ª Cia do II/1º RI, comandada pelo capitão Valdir Sampaio, foi empregada pelo Coronel Caiado na esteira do batalhão Uzeda (I/1º RI), em virtude desta unidade estar desenvolvendo esplêndido ritmo no seu avanço. Resistências contrárias, entretanto, forçaram os montanhesees americanos a marcar passo ao Norte de Capella di Ronchidos.

Monte Della Torraccia oferecia uma reação indômita ao progresso da 10ª de Montanha. Em presença de tal situação, não se realizou o que fora previsto no Plano Encore: a simultaneidade rítmica nos ataques dos montanhesees e Brasileiros a Della Torraccia e Monte Castello, respectivamente. Não obstante isso, a Divisão Brasileira continuou a atacar, de conformidade com a ordem do general Crittenger, vinda, aliás, ao encontro dos desejos da tropa brasileira.

Tirando partido da precisão e violência da artilharia do general Cordeiro de Faria, o ataque brasileiro redobrou de fúria e impulsão, tendo em vista conquistar Monte Castello ainda na jornada de 21 de fevereiro, o que seria um índice convincente da agressividade de nossas tropas e um auxílio ponderável aos montanhesees americanos, contidos pelas resistências de Della Torraccia.

Pouco antes do meio-dia, porém, houve alguma balbúrdia lá para a zona da 10ª Divisão de Montanha, defrontando o Batalhão do major Uzeda (I/1º RI): resistências inesperadas e de certo resultantes dos contra-ataques alemães desferidos sobre as valentes tropas do general Hays. Mais tarde, cerca de 1430 horas, já eliminados os ninhos de Cargé e cota 1063, voltou o I/1º DI a abrir caminho, conquistando então as cotas 930 e 875.

Em concordância com a progressão do Batalhão Uzeda (I/1º RI), o III/1º RI, por volta das 1430 horas, contando com o apoio eficaz de nossa artilharia, com a sua 7ª Cia subjugou rapidamente o ponto forte de Fornello. Nessa ocasião, o coronel Caiado de Castro empenhou o II/1º RI (menos a 5ª Cia), realçando assim a pressão sobre a rampa Sudoeste do famigerado baluarte. Paralela e

simultaneamente ao emprego acima mencionado, o Batalhão Ramagem (II/11° RI) avançava em direção a Abetaia e assegurava valiosa cobertura à ação que contornava a porfiosa resistência de cota 887.

Finalmente, às 1720 horas a defesa inimiga entrou em colapso. Seguiram-se operações de limpeza, com a captura dos defensores remanescentes, e a ocupação definitiva das encostas setentrionais do arrogante morro.

A soldagem das novas posições brasileiras em Monte Castelo, com as demais da porção oriental do setor, logo se operou com a ocupação de Abetaia pelo Batalhão Ramagem (II/11° RI). O regimento Sampaio instalou-se defensivamente nos objetivos conquistados. Destacaram-se elementos fortes do Batalhão Franklin (III/1° RI) para guarnecer Monte Della Casellina, como postos avançados da Divisão Brasileira, com o duplo objetivo de garantir a cobertura das posições recém-capturadas e assegurar a imediata tomada do movimento ofensivo, apesar de ainda não ser favorável a situação aos nossos aliados em Della Torraccia.

E assim Monte Castello passou para as mãos brasileiras.

Dezenas de cadáveres, muitos deles contendo até máquinas infernais de destruição, estavam ali a testemunhar o encarniçamento da luta prolongada e a provar a requintada criminalidade das forças que guarneceram o sinistro morro. Com a captura de tal elevação, escrevera a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida.

Monte Castello, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigira-se a cidadela da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representara um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar.

Constituiu o índice do valor de nossa gente. Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevadas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga, em busca do prisioneiro e da informação.

Sumidouro de centenas de vias patricias, a sua captura pelas nossas forças constituiu um dever de consciência e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias esplêndidas para nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército.

### **Santo Inácio de Loiola – Padroeiro da Infantaria**

*O santo espanhol Inácio Lopes de Loiola nasceu em 1491 e era o filho mais novo de uma família de treze irmãos. Inácio, muito jovem, ingressou na carreira militar, a serviço de Juan Velasquez, tesoureiro-mor da Corte de Espanha. Tomou parte na campanha contra Francisco I, da França, quando este invadiu o território espanhol.*

*Na defesa da cidade de Pamplona, em 1521, Inácio foi ferido na perna, por uma bala de canhão. Durante a sua convalescença, leu o livro “Vida de Cristo”, convertendo-se ao catolicismo, dando início a profundos estudos filosóficos e teológicos.*

*Em 1534, Inácio de Loiola fundou a Ordem Religiosa da “Companhia de Jesus”, aprovada pelo Papa Paulo III em 1540. A Ordem dos Jesuítas possuía inspiração militar, constituindo-se em uma autêntica “milícia de Cristo”, a quem ele chamava de “Capitão”. O próprio nome da Ordem, “Companhia”, alude à “Companhia de Infantaria” que Inácio comandara, como Capitão, quando do cerco a Pamplona.*

*Santo Inácio faleceu em Roma, no dia 31 de julho de 1556, data da celebração de sua festa.*

*Não apenas por haver sido Capitão de Infantaria, mas também por seu destemor e intrepidez nos combates, Santo Inácio de Loiola foi escolhido para Padroeiro da Infantaria, Arma dos esforços prolongados e dos sacrifícios supremos.*

(<http://www.legiaodainfantaria.eb.mil.br/html/Leg>)

### **Monte Castelo**

Plantada nos contrafortes da cordilheira, entre o paredão das montanhas e o obstáculo das costas inundáveis do Adriático — a cidade de Bolonha é a grande porta de acesso à riquíssima planície do Pó e caminho para o passo de Brenner, nas fronteiras da Áustria. Dominar Bolonha era vencer a batalha da Itália. As três

principais linhas de penetração para atingir esse importante nó rodoferroviário eram: a leste, a rota nº 9, a carga das tropas inglesas; abordando a cidade por oeste, a 64; e a 65 investindo-a frontalmente pelo sul.

Em fins de novembro, já completa em seus efetivos, com a chegada dos outros escalões e a ultimação precipitada de seu treinamento militar, a FEB recebeu a missão de lutar no setor de combate da estrada 64. Havia já três meses que americanos e ingleses acometiam inutilmente Bolonha, suportando vigorosos contra-ataques e sofrendo as mais severas perdas da campanha. Divisões inteiras necessitando de descanso, ataques dizimados, frio, lama e sangue, desalento e dor — eis o quadro da frente italiana quando coube à FEB a sua primeira missão de importância.

As posições brasileiras no vale do Reno, por onde corria a rota 64, ficavam nas encostas de um dominante arco de elevações — Belvedere, Gorgolesco, Monte Castelo, Della Torracia, Torre di Nerone, Soprassasso — que, oblíquo à estrada, a descortinava quase toda, e do qual Castelo, funcionando como charneira, era a parte mais sensível. Em privilegiada situação topográfica e tática, ali estava a aguerrida 232a. Divisão de Infantaria alemã.

Guarnecendo uma frente que variou entre 15 e 20 km de largura, já de si bastante para a defesa por uma só Divisão, tocou-nos a missão de agir ofensivamente, conquistando as alturas que dominavam o vale do Reno. E que a situação geral reclamava o alívio da frente de Bolonha, onde as perdas aliadas eram alarmantes. Como fazê-lo? Ameaçando o adversário noutras partes, forçando-o a retirar alguns de seus meios da defesa imediata da grande cidade. Eis por que a ordem era atacar; atacar, incessantemente, numa frente extensíssima; do sopé para o cume fortificado; ainda sem a necessária experiência de combate, frontalmente; sem meios suficientes; na lama e no frio; arrastando-se sob o castigo de pesados capotões e enormes galochas; sem o apoio de blindados, que se atolariam no lodo, e sem a ajuda e o conforto da aviação, ausente daqueles terríveis céus de novembro e dezembro na Itália.

Cada pracinha brasileiro, tombado nas encostas de Monte Castelo, poupava o sangue de dez combatentes de Bolonha e permitia a recuperação de outros tantos, que, desde a Sicília ou o Norte da África, vinham pagando seu tributo. Chegara a nossa vez de também fazer alguma coisa na luta pela liberdade.

Quatro vezes americanos ou brasileiros atacaram Monte Castelo sem sucesso. A 24, um batalhão do Sexto irmanou-se à *Task Force* 45 americana e repetiu a tentativa no dia seguinte. A 29, atacamos com um batalhão de cada regimento e, a 12 de dezembro, com dois batalhões do Primeiro e dois do Onze. Duas vezes o soldado brasileiro chegou ao cume do morro sinistro e duas vezes voltou. De ataque para ataque crescia a soma de nossos sacrifícios e perdas, e também de nosso heroísmo e de nossa valia. Monte Castelo não havia sido conquistado, mas, no quadro geral da guerra na Itália, a missão estava sendo cumprida, por isso que os alemães traziam, apressadamente, de Bolonha para o vale do Reno, a 114a. Divisão Ligeira. O preço dessa contribuição era o crescente passivo de mortos e feridos, a fama da inexpugnabilidade do baluarte alemão

Os comandos brasileiro e americano bem souberam compreender o problema moral da FEB. Declinara o poder ofensivo da Divisão que, em circunstâncias normais, seria retirada da frente, a fim de retemperar-se para futuras missões. Mas isso não poderia acontecer à única Divisão brasileira, porque seria retirar o Brasil do campo da luta.

Com o inverno, veio a estabilização das operações. A defensiva agressiva daquele rigoroso inverno foi a grande escola do soldado brasileiro. Valendo-se de sua extraordinária capacidade de adaptação, nosso homem habituou-se à neve e ao frio, ao combate e à morte. Nas longas vigílias de gelo e sangue, rechaçando ataques, suportando o castigo da experimentada artilharia alemã, ou indo em patrulhas às linhas inimigas, o pracinha acreditou em si e esperou a sua hora. Tão logo melhoraram as condições climáticas, decidiu o comando americano retornar à ofensiva, apossando-se do arco montanhoso. Com esse propósito, fez vir, para a nossa frente, uma nova tropa, a excepcional 10ª Divisão de Montanha, que investiria Belvedere, em concordância com o ataque brasileiro ao Castelo. Contando agora com poderoso apoio aéreo, onde pontificava a ação de nosso Grupo de Caça, puderam brasileiros e americanos desalojar definitivamente os nazistas da linha de cristas que dominava a estrada 64, libertando-a da futura continuação das operações na direção de Bolonha.

O dia 21 de fevereiro de 1945 assinala a vitória de Monte Castelo. Não foi ainda sem muito sacrifício e heroísmo que se tornou possível ao soldado brasileiro sufocar as últimas resistências alemãs no alto da elevação e vencer os combates subseqüentes de La Serra e Caselina, que se prolongavam até o dia 25 e consolidavam a extraordinária conquista.

FONTES: MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

Internet – Google.

**CONSTITUIÇÃO da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária**  
**CONVITE AO GENERAL MASCARENHAS DE MORAES**

Com a decisão do governo de enviar a Força Expedicionária ao exterior, surgiram os comentários sobre os prováveis Generais comandantes dessa Força. Era voz corrente que os chefes mais em evidência estavam apontados para o Corpo de Exército e Divisões. Mascarenhas, no comando da 2ª RM, figurava naturalmente entre os nomes falados. Certa vez, em uma reunião festiva, chegou-se a aventar essa possibilidade e um oficial presente, o Major R/2 Reynaldo Ramos Saldanha da Gama, professor da Universidade de São Paulo, solicitou a Mascarenhas participar da primeira tropa expedicionária que se deslocasse sob seu comando. Mascarenhas, modesto como sempre, deu a perceber nada saber a respeito e que, por certo, não seria atingido pela escolha para missão de tanta relevância, tanto mais que a sua idade, 60 anos, era fator negativo para tal. Cerca de dois meses depois, a 10Ago43, recebeu o seguinte telegrama cifrado, do General Eurico Dutra, Ministro da Guerra:

**"25 H1- Urgente - 9-VIII-1943 - Cifrado - General Mascarenhas - São Paulo \_Consulta prezado camarada de aceita comando de uma das Divisões que constituirão Corpo Expedicionário pt Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos PT General Eurico Dutra - Ministro da Guerra"**

No mesmo momento, em seu Gabinete, redigiu com o oficial de seu EM, Major Antônio de Souza Júnior, a resposta, com o mesmo laconismo da consulta do Ministro e a qual deveria ter chocado a frieza do General Dutra:

**"General Dutra - Rio - Urgentíssimo - De São Paulo - 20-40 - 10-VIII - 1943 - 17,15 - 345 Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta Vossa Excelência acaba fazer-me em rádio 25 H1 pt General Mascarenhas de Moraes**

Essa constituição foi fixada em Portaria Ministerial de 09Ago43, a qual também designava os órgãos não divisionários. Essa estrutura obedecia aos padrões vigentes nos Estados Unidos e já consagrados pela experiência da guerra em pleno desenvolvimento. A Portaria Ministerial nº 47/44, de 9 de agosto de 1943, estabeleceu as primeiras normas gerais de estruturação da 1ª DIE, fixando-lhe a organização abaixo:

**INFANTARIA DIVISIONÁRIA (ID)**, ao comando do **Gen Zenóbio da Costa** composta pelos regimentos de Infantaria - 1º RI (Regimento Sampaio - Rio de Janeiro, ao comando do **Cel Aguinaldo Caiado de Castro**), 6º RI (Regimento Ipiranga - Caçapava-SP, ao comando do **Cel João Segadas Viana**, futuro ministro da Guerra 1961-62), 11º RI (Regimento Tiradentes - São João del-Rei, ao comando do **Cel Delmiro Pereira de Andrade**). Comandou ao final da guerra o 6º RI o **Cel Nelson de Melo**, futuro ministro da Guerra em 1962. O 1º RI teve ação destacada na conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, além de em outras ações. O 6º RI teve papel destacado na conquista de Castelnuovo e rendição em Fornovo, em 29 de abril de 1945, da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e de remanescentes da divisão italiana, Itália. O 11º RI teve atuação destacada no combate de Montese, em 14 de março de 1945, além de em outras ações.

**ARTILHARIA DIVISIONÁRIA (AD)**, ao comando do **Gen Osvaldo Cordeiro de Farias** e composta dos grupos de Artilharia I-GO-105 (Grupo de São Cristóvão - Rio, ao comando do **Ten Cel Levy Cardoso**), II-GO-105 (Grupo Monte Bastione, de Campinho - Rio, ao comando do **Cel Geraldo Dacamino**, sendo o primeiro a entrar em ação na Itália), III-GO-105 (Grupo Bandeirante de Quintaúna, em São Paulo - SP, ao comando de **Ten Cel José de Souza Carvalho**), IV-GO-155 (Grupo Montese, ao comando do **Ten Cel Hugo Panasco Alvim**), 1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1º ELO da FAB, sob controle operacional da FEB); 9º Batalhão de Engenharia de Combate, de Aquidauana-MS, ao comando do **Ten Cel José Machado Lopes**; 1º Batalhão de Saúde de Valença - RJ ao comando do **Maj Bonifácio Borba**; Esquadrão do Reconhecimento, atual Esquadrão Ten Amaro de Valença - RJ, ao comando inicialmente do **Cap Franco Ferreira** e depois do **Cap Plínio Pitaluga** atual (em 2000) acadêmico emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil . Tropa especial (Companhia de Transmissões, Companhia de Manutenção Leve, Companhia de Intendência, Companhia do Quartel General, Banda de Música e, Pelotão de Polícia organizado à base da mobilização de policiais da Guarda Civil de São Paulo).Banda de Musica, Agência do Banco do Brasil, Pagadoria Fixa; Seccção Brasileira de Base, Deposito de Intendência; Serviço Postal, Serviço de Justiça, Depósito de pessoal (destinado a adestrar a tropa e completar os quadros); Pelotão de Sepultamento.

**FONTES: Tristão de Alencar Araripe - Ministro do Superior Tribunal Militar - A Coerência de uma Vocação. S Ge Ex - Imprensa do Exército - Rio de Janeiro - 1969. Brasil Conflitos Externos Cel Cláudio Moreira Bento - Academia de História Militar Terrestre do Brasil**

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel, Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS  
lecaminha@gmail.com